

## ADOLESCENTES EM CONTEXTO DE VULNERABILIDADE: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

*Anelise Machado Folharini<sup>1</sup>*

*Tiago Grandini da Silva<sup>2</sup>*

*Tiago da Silva Silvano<sup>3</sup>*

*Rosane da Silva Motta<sup>4</sup>*

*Loiva dos Santos Leite<sup>5</sup>*

**Resumo:** Este trabalho tem por objetivo apresentar o relato de experiência vivenciado no estágio em psicologia social comunitária, realizado junto a dois grupos de adolescentes, de ambos os sexos, com idades entre 13 e 17 anos, vinculados ao Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos, de um Centro de Referência de Assistência Social (CRAS), localizado no município de Cachoeirinha. Os encontros foram realizados semanalmente, sendo um grupo pela manhã e outro grupo pela tarde, no período de março a julho de 2023. Na sua maioria são adolescentes provenientes de famílias carentes, com vulnerabilidades materiais e subjetivas. O propósito da realização dos grupos era trabalhar aspectos relativos aos projetos de vida, visto que estavam experienciando o processo de transição entre a infância e a adultez, período marcado por diversas mudanças físicas, psicológicas e sociais. Os temas que emergiram dos encontros referiam-se à identidade, sexualidade, relações familiares, afetivas e com amigos, escolaridade, formação para o trabalho, além de violências e uso de drogas. Os temas foram trabalhados através de dinâmicas e discussões, onde a palavra circulava, produzindo reflexões e mudanças de atitudes nos jovens. Experienciou-se a atuação da psicologia para além dos muros das práticas tradicionais, comprometida com a realidade social contemporânea. O olhar se direcionou para essa fase da vida, a adolescência, com suas demandas e vicissitudes, em contexto de vulnerabilidades. O estágio nos grupos possibilitou aprofundar os conhecimentos sobre essa fase do desenvolvimento, compreender que cada um possui suas próprias vivências, necessidades e perspectivas. Inúmeras vezes foi necessário, enquanto facilitadores, adaptar as estratégias de trabalho para atender às demandas específicas de cada indivíduo/grupo contextualizadas com seu meio. Foi importante criar um ambiente seguro e acolhedor para que os jovens pudessem expressar suas dúvidas, preocupações e experiências, sem julgamentos, estabelecendo uma relação de confiança e empatia, respeitando as suas crenças e valores.

Palavras-chave: Grupo. Adolescentes. Psicologia Social Comunitária.

C  
I  
P  
P  
U  
S

(ISSN2238-9032)

<sup>1</sup> Graduanda em Psicologia. Cesuca.

<sup>2</sup> Graduando em Psicologia. Cesuca.

<sup>3</sup> Graduando em Psicologia. Cesuca.

<sup>4</sup> Graduanda em Psicologia. Cesuca.

<sup>5</sup> Psicóloga, Doutora em Psicologia Social, Professora do curso de Psicologia do Cesuca. E-mail:

[loiva.leite@cesuca.edu.br](mailto:loiva.leite@cesuca.edu.br)

## ADOLESCENTS IN A CONTEXT OF VULNERABILITY: AN EXPERIENCE REPORT

**Abstract:** This study aims to present the experience report of the internship in the community social psychology, carried out with two groups of adolescents of both genders, age between 13 and 17 years, linked to the Service of Coexistence and Strengthening of Bonds, of a Social Assistance Reference Center (CRAS), located in Cachoeirinha. The meetings were held weekly, with one group in the morning and another group in the afternoon, from March to July 2023. Most of the adolescents belong to humble families, with lack of material and subjective resources. The purpose of the groups was to work on aspects related to life projects, since they were experiencing the transition process between childhood and adulthood, a period marked by several physical, psychological and social changes. The subjects that became visible from the meetings referred to identity, sexuality, family, affective and friend relationships, education, training for work, as well as violence and drugs. The subjects were approached through dynamics and discussions, to observe the reactions and behavior changes by the word highlighted. We were able to experience the performance of psychology beyond the walls of traditional practices, committed to contemporary social reality. We turned the attention to this phase of life, the adolescence, with its demands in terms of vulnerabilities. The internship in the groups achieved a more profound knowledge regarding this phase of development, in the interest to understand that each one of them has their own experiences, needs and perspectives. Countless times, it was necessary, as facilitators, to adapt the work strategies to meet the specific demands of each individual/group aligned with their environment. It was important to create a safe and welcoming environment so that participants could express their doubts, concerns and experiences, without judgment, establishing a relationship of trust and empathy, respecting their beliefs and values.

Keywords: Group; Adolescents; Community Social Psychology.

### INTRODUÇÃO

Com a criação do Sistema Único de Assistência Social (SUAS) em 2005, a psicologia, em especial a de abordagem teórica social comunitária, passa a ser uma das áreas do conhecimento integrantes dos dois serviços essenciais de proteção social que fundamentam essa política pública, a saber: o Centro de Referência de Assistência Social (CRAS) e o Centro de Referência Especializado de Assistência Social (CREAS).

O Manual de Referências Técnicas para a Atuação do Psicólogo no CRAS/SUAS (CREPOP, 2007) menciona a importância da psicologia estar presente em espaços que ultrapassam as fronteiras dos consultórios e estar engajada com a transformação social. Ressalta-se a necessidade de atuação do psicólogo “para o fortalecimento dos recursos subjetivos das pessoas no enfrentamento das situações de vulnerabilidades sociais” (SANTOS, 2018, p. 2). Como profissionais que atuam na assistência social, os psicólogos devem auxiliar na geração de condições sociais que promovam os direitos socioassistenciais e contribuir para o desenvolvimento das condições subjetivas, de modo que possibilite ao sujeito garantir a execução desses direitos (SANTOS, 2018).

Considerando que o processo sócio-histórico de conquista e aperfeiçoamento das políticas públicas de assistência social no Brasil é relativamente recente, é plausível que o fazer da psicologia nesse cenário esteja em construção e se depare com lacunas no campo prático. Alguns desafios decorrem da multiplicidade de modelos de atuação, entretanto isso faz parte da realidade material do SUAS, uma vez

que o trabalho desenvolvido no âmbito desse sistema, levando em conta as dimensões continentais do Brasil, baseia-se em diferentes culturas e territórios, observando as demandas específicas de cada localidade e isso, paradoxalmente, é fundamental para o exercício da atividade de forma integral e direcionada para a realidade dos usuários em suas respectivas comunidades (ALCARRIA et al., 2022).

Independentemente de existir uma ou várias diretrizes para nortear a prática da psicologia no escopo da Política Nacional de Assistência Social (PNAS), faz-se necessário que os psicólogos e psicólogas planejem um labor dedicado e engajado, pautado pelo Código de Ética da profissão; pelos protocolos em situação de emergência e risco de morte; por orientações, normas e portarias inerentes a determinadas áreas de atuação; e outras documentações afins, e conheçam as possibilidades do serviço ao qual estão inseridos. Segundo Alcarria et al. (2022), apesar das adversidades presentes na assistência social brasileira, a psicologia demonstra diversas contribuições para o ramo, evidenciando um apontamento para as vulnerabilidades às quais o sujeito está submetido. Desempenha um papel vital no desenvolvimento das crianças e adolescentes, denotando suas potencialidades, prestando a escuta e concedendo o lugar de fala, para que possam vir a ser protagonistas de suas próprias histórias e, juntos de seus grupos, aventem maneiras de superar as vulnerabilidades.

Um dos locais possíveis de atuação do psicólogo dentro da PNAS é o CRAS. Comumente, o CRAS, unidade pública sob gestão municipal, que corresponde hierarquicamente ao nível da Proteção Social Básica (PSB) do SUAS, localiza-se nos territórios mais vulneráveis dos centros urbanos. Tem por finalidade orientar e encaminhar os usuários no que se refere à obtenção de direitos, bem como evitar situações de risco, desenvolver potencialidades e fortalecer os vínculos familiares e comunitários dessas pessoas. Esses objetivos concretizam-se por intermédio das execuções do Serviço de Proteção e Atendimento Integral à Família (PAIF) e do Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos (SCFV), dentre outros serviços (PEREIRA; GUARESCHI, 2017).

O SCFV precisa ser planejado no sentido de fortalecer o trabalho social com as famílias, com o intuito de possibilitar o “alcance de alternativas emancipatórias para o enfrentamento da vulnerabilidade social” (Brasil, 2014, p. 16). Assim, conduz atividades regulares baseadas em dinâmicas e ações diversas que envolvam arte, cultura, debates, esportes, lazer, reflexões, visitas a locais públicos (parques, praças etc.) e até mesmo a eventos na comunidade ou fora dela, sendo esses momentos experienciados por grupos de até trinta pessoas, organizados por faixas etárias que vão de: crianças de até 6 anos; crianças e adolescentes de 6 a 15; adolescentes de 15 a 17; jovens adultos de 18 a 29; adultos de 30 a 59; e idosos (ALCARRIA et al., 2022).

As atividades propostas estão pautadas por três eixos norteadores do serviço: a Convivência Social, que preconiza o estímulo justamente do convívio nos âmbitos familiar e comunitário, com vistas no fortalecimento de vínculos, por meio da efetuação dos cronogramas programáticos; o Direito de Ser, que visa a promoção de experiências potencializadoras da autonomia e que permitam aos sujeitos manifestar toda a sua complexidade; e a Participação, cujo objetivo é incentivar os usuários a participarem dos espaços da vida pública e tornar consciente a percepção de que cada indivíduo pode e deve exercer suas prerrogativas de cidadão de direitos (BRASIL, 2016).

Um dos segmentos mais trabalhados pelos psicólogos no âmbito do CRAS e do SCFV é a adolescência. Essa é uma fase do desenvolvimento biopsicossocial em que ocorrem diversas mudanças na constituição psíquica e fisiológica do indivíduo, levando-o a apresentar novos comportamentos e sentimentos. De modo geral, os adolescentes são vistos como sujeitos sem autonomia quando o assunto é a tomada de decisão no que tange à satisfação das suas vontades. Assim, forma-se uma contradição relevante em relação a esse grupo, pois há uma expectativa social no sentido de que o jovem assumas as

responsabilidades pelas suas ações, mas ao mesmo tempo ele não tem legitimidade reconhecida sobre seus atos e escolhas (MARQUES; QUEIROZ, 2012).

Como se trata de uma fase de transição entre a infância e a adultez, marcada por diversas mudanças físicas, psicológicas e sociais, os adolescentes nem sempre encontram apoio para esse período. É também neste período que os jovens enfrentam desafios, buscam mais autonomia, experimentam diversos papéis sociais que contribuem para a formação da sua identidade e constroem novas relações interpessoais (RODRIGUES; DAMÁSIO, 2014). A partir desse contexto, este artigo tem por objetivo apresentar o relato de experiência vivenciado no estágio em psicologia social comunitária, realizado junto a dois grupos de adolescentes, de ambos os sexos, com idades entre 13 e 17 anos, vinculados ao Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos, de um Centro de Referência de Assistência Social, localizado no município de Cachoeirinha, no Rio Grande do Sul.

### **Metodologia**

Trata-se de um relato de experiência, de abordagem qualitativa descritiva, realizado no período de março a julho de 2023, pelos estagiários de psicologia, com adolescentes provenientes de famílias carentes, com vulnerabilidades materiais e subjetivas. As atividades consistiam em grupos semanais, realizado no CRAS, um grupo pela manhã e outro grupo pela tarde. O propósito da realização dos grupos era trabalhar aspectos relativos aos projetos de vida, visto que estavam experienciando o processo de transição entre a infância e a adultez, período marcado por diversas mudanças físicas, psicológicas e sociais. Os temas que emergiram dos encontros referiam-se à identidade, sexualidade, relações familiares, afetivas e com amigos, escolaridade, formação para o trabalho, além de violências e uso de drogas. Os assuntos foram trabalhados através de dinâmicas e discussões, onde a palavra circulava, produzindo diálogo e reflexões e entre os participantes.

Com relação às questões éticas, a identidade dos participantes foi preservada e os adolescentes assinaram os Termos de Assentimento Livre e Esclarecido e seus responsáveis assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

### **Adolescentes e seus contextos**

A adolescência pode apresentar-se como um período desafiador para alguns indivíduos, enquanto para outros pode ser relativamente tranquilo. Essa diferença está frequentemente relacionada ao contexto sociofamiliar, bem como a fatores econômicos, educacionais e de saúde. A adolescência é, portanto, uma fase da vida que demanda do indivíduo a habilidade de se adaptar às exigências sociais (Anastácio, 2010). Esses desafios podem ser agravados quando esses jovens vivem em situação de pobreza e vulnerabilidade social, sem acesso a recursos básicos como moradia e alimentação adequadas, saúde, educação e segurança. A falta de oportunidades e perspectivas de futuro pode desencadear problemas de saúde mental, como ansiedade e depressão, além de comportamentos de risco. Outra questão fundamental é a falta de proteção familiar, da qual podem resultar diversos tipos de abusos e violências (MAGALHÃES et al., 2022).

A comunicação desempenha um papel fundamental dentro da dinâmica familiar durante a fase da adolescência. Nesse período, os jovens estão em busca da consolidação de sua identidade, questionam e exploram novas ideias e valores. Eles também estão expostos a uma variedade de informações provenientes de amigos, escola e mídia, o que influencia diretamente seu processo de formação e desenvolvimento (MORGADO et al., 2014). No entanto, é comum que os pais enfrentem dificuldades de se comunicar com seus filhos nessa etapa, pois além de manter o equilíbrio entre estabelecer limites

saudáveis e permitir certa autonomia, também é necessário existir proximidade entre eles para que, dessa forma, possam orientá-los de maneira mais assertiva. Essa tarefa pode ser desafiadora, pois os pais podem se sentir inseguros sobre como abordar determinados temas (MORGADO et al., 2014).

Comunicação aberta e empática é essencial nesse processo. Os pais devem estar dispostos a ouvir os filhos, demonstrar interesse genuíno por suas opiniões e respeitar suas individualidades. É importante criar um ambiente familiar seguro e acolhedor, onde os adolescentes se sintam à vontade para expressar seus pensamentos e sentimentos sem medo de julgamento ou punição. Além disso, os pais também devem se manter informados sobre as questões que envolvem a adolescência, como mudanças físicas e emocionais, sexualidade, uso de drogas e álcool, relacionamentos, entre outros (MORGADO et al., 2014). Não raro, situações envolvendo comportamentos de risco estão presentes na adolescência de muitos jovens, justamente pela desinformação.

Comportamentos de risco na adolescência referem-se a ações que podem ameaçar a saúde física e mental, tanto no presente quanto no futuro. Isso inclui comportamentos que contribuem para lesões acidentais, violência, uso de substâncias como tabaco, álcool e drogas, práticas sexuais desprotegidas que aumentam a chance de gravidez indesejada e doenças sexualmente transmissíveis, hábitos alimentares não saudáveis e falta de atividade física. Esses comportamentos são considerados de risco devido à sua associação com as principais causas de morte, invalidez e problemas sociais entre os adolescentes (ZAPPE et al., 2018). Como a curiosidade é uma característica dessa fase, explorar o desconhecido pode ser um risco se não houver a devida informação por parte dos responsáveis.

Nesse período, os valores, as crenças, as atitudes, os comportamentos, as tradições e normas morais presentes na família e na sociedade em que estão inseridos, estão em constante transformação e consolidação (BRASIL, 2017). As relações com os pares ganham mais valor, uma vez que os adolescentes estão passando por um processo de diferenciação e construção de identidade. Essas relações são caracterizadas por reciprocidade e igualdade, pois os indivíduos são geralmente da mesma idade, portanto têm poder social equivalente e compartilham comportamentos e experiências semelhantes. As amizades assumem um papel importante no contexto de socialização e uma fonte significativa de apoio, e para as quais os adolescentes depositam sua confiança, compartilhando seus sentimentos e problemas psicológicos (SHNEIDER; RAMIRES, 2007).

Nesse sentido, o grupo tem um papel especial na vida dos adolescentes. Na convivência entre seus pares, semanalmente, foi possível observar que havia temas que emergiam e que eram pouco discutidos em família. Para alguns jovens, conforme referiram, não havia diálogo com seus responsáveis, tornando o espaço do grupo imprescindível para que suas dúvidas, temores e ansiedade fossem acolhidas. A expectativa em relação à família é de que seja um lugar de acolhimento, diálogo e cuidado dos jovens, contudo, essa expectativa nem sempre é cumprida, gerando fragilidade nos vínculos e desequilíbrio no desenvolvimento em várias dimensões da vida.

Sobre a sexualidade, por exemplo, os estagiários de psicologia, puderam criar um ambiente seguro e acolhedor para que os participantes se sentissem à vontade para expressar suas dúvidas, preocupações e experiências, sem julgamentos. Muitas questões que os adolescentes trouxeram estavam relacionadas às alterações emocionais que se manifestam por meio de sensações corporais desconhecidas, despertando desejos sexuais e a necessidade de se relacionar. Isso pode se tornar uma fonte constante de conflito e curiosidade para os adolescentes de ambos os sexos (Anastácia, 2010), o que requer orientação e esclarecimentos. Estabeleceu-se, dessa forma, no espaço grupal, uma relação de confiança e empatia, respeitando as crenças e valores, além de transmitir informações coerentes e embasadas cientificamente sobre o corpo, suas modificações e autocuidado.

Outro ponto significativo que permeou as discussões em grupo, refere-se a vida profissional desses jovens. Provenientes de contextos de vulnerabilidade social, muitos necessitam trabalhar desde a adolescência para compor a renda familiar e, em algumas situações, abdica-se da escola para dar conta de trabalhar. Oliveira et al. (2020, p. 12) apontam que o trabalho ocupa um espaço significativo na vida dos jovens em situação de vulnerabilidade social, definindo-o como “um mecanismo de sobrevivência e identidade social, necessários para a conformação familiar”. Ao mesmo tempo em que os jovens reconhecem que a formação acadêmica é importante para a inserção no mercado de trabalho mais qualificado, eles identificam que o acesso à graduação é limitado, justamente pela condição socioeconômica em que vivem (OLIVEIRA et al., 2020).

Durante os encontros do grupo, este tema permeou os diálogos entre os adolescentes e os estagiários, que atentamente acolheram as angústias e juntos pensaram estratégias de superar esse cenário bastante complexo. Investir na conclusão do ensino médio, buscar cursos técnicos profissionalizantes, elaboração de currículos, cursos de informática, como se apresentar para uma entrevista de emprego, visita ao Centro Universitário e esclarecimento sobre os diferentes cursos de graduação, fizeram parte das atividades desenvolvidas durante o andamento do grupo. Contextos de vulnerabilidade social podem afetar significativamente a vida dos jovens que vivenciam situações de carências materiais e afetivas, ampliando as possibilidades de desenvolver problemas de saúde mental (MAGALHÃES et al., 2021). Os autores referem que

[...] determinados contextos e experiências sociais aumentam as chances do desenvolvimento de problemas de saúde mental entre crianças e jovens. Entre eles estão viver em situação de vulnerabilidade social, enfrentar insegurança alimentar, ser exposto à violência e perceber baixo nível de suporte social e por parte da família, amigos e outros adultos (MAGALHÃES et al., 2021, p. 11).

O grupo de adolescentes foi fundamental para criar espaços de diálogo, de desconstrução de lugares e papéis que impediam a identificação de possibilidades para os adolescentes da comunidade em que os estagiários atuavam, junto ao CRAS. As limitações são inúmeras, evidentemente, mas o desafio é ultrapassar esses limites a apresentar estratégias que façam sentido para modificar o difícil contexto de vida desses jovens.

Para Marques e Queiroz (2012), é preciso compreender as várias representações que atravessam o adolescente, uma vez que as diversas formas de ser e estar no mundo pressupõem modos distintos de relação, demandando intervenções que considerem a formação dessas subjetividades. Construir cuidado que dê conta de abarcar as questões de saúde mental desse grupo implica compreendê-lo também na individualidade, possibilitando um direcionamento mais assertivo para o entendimento das suas necessidades. Em outras palavras, para atender às demandas trazidas pelo adolescente, torna-se imprescindível acolher e ouvi-lo.

### **Considerações Finais**

Considerando a complexidade da adolescência, é evidente que fatores socioeconômicos e familiares desempenham papéis cruciais no desenvolvimento e nas experiências dos jovens nessa fase. A falta de acesso a recursos básicos e a ausência de suporte familiar podem agravar suas vulnerabilidades como problemas de saúde mental e comportamentos de risco. A comunicação aberta, empática e afetuosa entre pais e filhos emerge como principal ferramenta para orientar os adolescentes, especialmente diante de temas sensíveis como sexualidade e vida profissional. No entanto, essa comunicação pode representar um desafio, exigindo dos pais equilibrar a imposição de limites saudáveis e o estabelecimento de autonomia.

Além disso, ao lidar com jovens em situação de vulnerabilidade social, é essencial criar espaços de diálogo e apoio. Investir em estratégias para superar as limitações socioeconômicas, oferecer orientação para a conclusão dos estudos e acesso a oportunidades profissionais pode ser essencial. Ouvir atentamente as angústias dos adolescentes e trabalhar em conjunto para identificar possibilidades reais de mudança é necessário para que esses jovens encontrem caminhos mais promissores para o futuro.

O estágio nos grupos de adolescentes possibilitou aprofundar os conhecimentos sobre essa fase do desenvolvimento, compreender que cada um possui suas próprias vivências, necessidades e perspectivas. Inúmeras vezes foi necessário, enquanto facilitadores, adaptar as estratégias de trabalho para atender às demandas específicas de cada indivíduo/grupo contextualizadas com seu meio. Foi importante criar um ambiente seguro e acolhedor para que os jovens pudessem expressar suas dúvidas, preocupações e experiências, sem julgamentos, estabelecendo uma relação de confiança e empatia, respeitando as suas crenças e valores.

As dificuldades e contradições observados nos atendimentos dos grupos, no SCFV, refletem uma necessidade contínua de adaptação e compreensão mais ampla das demandas desse grupo. Muitas vezes, os adolescentes não encontram o apoio para atravessar essa fase do desenvolvimento de maneira saudável. Assim, a atuação dos psicólogos na instância da assistência social deve ser pautada não apenas para a escuta e o fortalecimento dos vínculos, mas também para proporcionar espaços de acolhimento que permitam aos jovens experimentar novas relações, explorar sua identidade e lidar com os desafios próprios desse período de transição.

## REFERÊNCIAS

ALCARRIA, E. R.; MARTINS, T. C.; COSTA, A. F. A atuação do profissional de psicologia no serviço de convivência e fortalecimento de vínculos junto a crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade. *Akrópolis*, v. 30, n. 2, p. 372-389, 2022. Disponível em: <<https://doi.org/10.25110/akropolis.v30i2>>

ANASTÁCIO, Z. **Sexualidade na fase intermédia da adolescência: relacionamentos, comportamentos e conhecimentos**, 2010. Disponível em: <<https://hdl.handle.net/1822/10567>>

BRASIL. Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome. Secretaria Nacional de Assistência Social (SNAS). (2014). **Tipificação Nacional de Serviços Socioassistenciais Reimpressão 2014**. <[https://www.mds.gov.br/webarquivos/publicacao/assistencia\\_social/Normativas/tipificacao.pdf](https://www.mds.gov.br/webarquivos/publicacao/assistencia_social/Normativas/tipificacao.pdf)>

BRASIL. Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome. Secretaria Nacional de Assistência Social (SNAS). (2016). **Caderno de Orientações Serviço de Proteção e Atendimento Integral à Família e Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos Articulação necessária na Proteção Social Básica**. <[https://www.mds.gov.br/webarquivos/arquivo/assistencia\\_social/cartilha\\_paif\\_2511.pdf](https://www.mds.gov.br/webarquivos/arquivo/assistencia_social/cartilha_paif_2511.pdf)>

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA (CFP), Centro de Referência Técnica em Psicologia e Políticas Públicas (Crepop). (2007). Referência técnica para atuação do(a) psicólogo(a) no CRAS/SUAS. <[https://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2007/08/cartilha\\_crepop\\_cras\\_suas.pdf](https://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2007/08/cartilha_crepop_cras_suas.pdf)>

MAGALHÃES, J. et al. Vulnerabilidade social e saúde mental de crianças e jovens: relato de dois estudos longitudinais brasileiros. *Cadernos de Pós-Graduação em Distúrbios do Desenvolvimento*, v. 21, n. 2, p. 9-38, 2022. <<https://editorarevistas.mackenzie.br/index.php/cpgdd/article/view/14364>>

MARQUES, J. F.; QUEIROZ, M. V. O. Cuidado ao adolescente na atenção básica: necessidades dos usuários

e sua relação com o serviço. **Revista Gaúcha De Enfermagem**, v. 33, n (3), 65–72, 2012. <<https://doi.org/10.1590/S1983-14472012000300009>>

MORGADO, L. V. et al. Ciclo vital da família: A comunicação entre pais e filhos na fase adolescente. In III CONGRESSO INTERNACIONAL DE CIÊNCIA. TECNOLOGIA E DESENVOLVIMENTO. CIÊNCIA E TECNOLOGIA PARA O DESENVOLVIMENTO SOCIAL, 3., 2014. **Anais [...]**, 2014.

OLIVEIRA, P. C. et al. (2020). “Sobrevivendo”: Vulnerabilidade social vivenciada por adolescentes em uma periferia urbana. **Interface** (Botucatu) comunicação, saúde, educação, 2020. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/Interface.190813>>

PEREIRA, V. T.; GUARESCHI, P. A. A Psicologia no CRAS: um estudo de representações sociais. **Psicologia & Sociedade**, v. 29, p. 1-11, 2017. <<https://doi.org/10.1590/1807-0310/2017v29i119584>>

QUEIRÓS, P. S. Concepções de pais de adolescentes escolares sobre a sexualidade de seus filhos. **Revista da Rede de Enfermagem do Nordeste**, v. 17, n. 2, p. 293-3000, 2016. <<https://doi.org/10.15253/2175-6783.2016000200018>>

SANTOS, T. M. O trabalho do psicólogo no Cras: diferentes formas de cuidar. **Pesquisas e Práticas Psicossociais**, v. 13, n. 1, p. 1-11, 2018. <[http://periodicos.ufsj.edu.br/revista\\_ppp/article/view/2821](http://periodicos.ufsj.edu.br/revista_ppp/article/view/2821)>

SCHNEIDER, A. C. N.; RAMIRES, V. R. R. (2007). Vínculo parental e rede de apoio social: relação com a sintomatologia depressiva na adolescência. **Aletheia**, v. 26, p. 95-108, 2007. <<https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=115013567009>>

ZAPPE, J. G.; ALVES, C. F.; DELL'AGLIO, D. D. (2018) Comportamentos de risco na adolescência: revisão sistemática de estudos empíricos. **Psicologia em Revista**, v. 24, n. 1, p. 79-100, 2018. <<http://dx.doi.org/10.5752/P.1678-9563.2018v24n1p79-100>>